ERROS E CACÓFATOS

Itamar Espíndola

Certas pessoas crêem-se inerrantes. Mas, Orosimbo Nonato disse certa vez: "Ninguém possui o dom da inerrância nem a pedra lídima da verdade." E Edmílson Monteiro Lopes, mestre no vernáculo, já declarou em tom jocoso: "Errar é humano. Quem não erra? Errar é verbo do qual ninguém escapa. Eu erro. Tu erras. Ele erra. Nós erramos. Vós errais. Todos erram."

Desconheço alguém não incidente em erro de português, falando ou escrevendo. Vejam-se os trabalhos dos melhores autores. Todos cometeram até cincadas. Quem já fruiu as publicações de Rui, o gigante da cultura e do talento; versou os escritos de Carneiro Ribeiro, de enorme erudição; se enriqueceu com o estilo engenhoso do padre Manuel Bernardes; ou, então, degustou os romances de José de Alencar, sem dúvida deparou-se com desacertos sem conta, alguns tidos como chambões. Disso não escapam sequer os escritores da pena de ouro.

Conhecida é a regra quanto à força atrativa do pronome relativo "que", no tocante aos oblíquos. "Espero que **se** consiga a paz mundial."

No entanto, Alexandre Herculano escreveu sem observar essa norma: "O cavaleiro sabia que tais afrontas **escrevem-se** para sempre na fronte de quem as recebe." (Lendas, v. I, pág. 186).

Em Vieira está: "De sorte que Cristo **defendeu-se** do Diabo com a escritura."

No concernente a cacófatos, são encontrados em muitos estilistas, Alexandre Herculano, Camões, Felinto Elísio e Rui Barbosa.

Andei buscando a melhor definição para esse vício de linguagem. Das pesquisas, resultou uma, abrangente, embora não completa: cacófato ou cacófaton é o som insólito, ou a combinação inabitual de sons, capaz de, pela extravagância torpe, obscena ou ridícula, causar escândalo ou desgostar o ouvido. É fruto, geralmente, da junção da sílaba final de uma palavra com uma ou mais sílabas do início do vocábulo imediato.

De logo, uma advertência para rebater possível crítica: há quem defenda o ponto de vista segundo o qual muitos dos exemplos dados neste trabalho não se enquadram como cacófato. Só classifica como tal quando está presente palavra torpe ou imoral.

De regra, as gramáticas repetem os mesmos exemplos, e em número reduzido. Por isso, dei-me ao trabalho de coligir, em leituras e conversas, grande número de cacófatos. Até hoje, creio não haver sido organizada lista superior à que se segue.

Se eu pudesse, amá-la-ia (**a mala ia**).
A ré ganhou (**arreganhou**) o litígio judicial.
A Natureza foi comigo avara (**à vara**).
O jovem as não (**asnão**) quis.

Que quem não quer comércio busca guerra (**caguerra**). Camões.

O Zeca Brito (**cabrito**) é nosso bombeiro.

Em Meca, cada (**cacada**) qual tomou o seu rumo. NOTA: Cacada é uma porção de excremento.

Acerca dela (**cadela**) nada posso contar.
Use azeite marca Galo.
A vizinha mandou buscar (**buscá**) gás.
É a única garantia que a Casa dá.
Fica agora (**cagora**). Eça de Queiroz.
A vida nunca pára (**capara**).
Nunca pus (**capuz**) os olhos nela.
Explica aquele (**caquele**) caso ao Arruda.
Não bebo este chá velho (**chavelho**).

Dedico a ti (**coati**) este soneto. NOTA: Cuati ou quati é mamífero carnívoro, da família dos procionídeos.

Ele escreveu com mais (**comais**) páginas.
Capa do (**capado**) autor.

"Porém como me (**como-me**) agora vejo isento." (José Albano, em Soneto I)

Por ter problemas com gado (**congado**), o fazendeiro adoeceu.

Por questão de cor, não (**cornão**).
Esta é cor nativa (**cornativa**).

"Deixa o Cuco aí." NOTA: Fazia-se uma mudança. A dona da casa pôs o relógio "Cuco" em cima da calçada, enquanto o caminhão chegava. A doméstica da vizinha foi olhar o relógio, tomando-o nas mãos. Nesse momento, a senhora proferiu a frase atrás registrada.

"A lealdade da Nação" (**danação**). Rui Barbosa.
Se houver concorrente, você disputa (**diz puta**)?
Iraci entrou e nem fé deu (**fedeu**) do professor.
Siga a bola (**gabola**) verde.
Olhe a vaga linha (**galinha**) de outro norte.
Já cá (**jacá**) estive ontem.
Já nota (**janota**) você onde está o erro.
Já que tão (**jaquetão**) linda és, dou-te um beijo.

A Doutora Leila Meira (**lameira**) chega hoje. NOTA: Lameira é lamaçal, atoleiro.

Ela tinha (**latinha**) muitas casas.
Ela trina (**latrina**) bem o bandolim.
Já lá vai (**lavai**) um ano de prazo.
Norma Maria (**mamaria**) é aluna do Farias Brito.

"Alma minha (**maminha**) gentil que te partiste". Camões.

Conheço o Osmar Melo (**marmelo**).

Ele se chamava Omar Mota (**o marmota**) Paiva. NOTA: Trata-se do falecido professor do Curso de Direito da Universidade Federal do Ceará. Para evitar o cacófato apontado, ele reduziu o nome para Omar Paiva.

Mas morra (**masmorra**) enfim nas mãos da bruta gente.
Mas ela (**mazela**) não chegou.
Josefina ficou como herdeira (**merdeira**) de Raul.
Você pode comer doce (**merdou-se**).

"Será levantado um edifício para sede do Banco Safra, conforme já (**mijá, mijar**) ficou dito."

Desprezos me já dão (**mijadão**).
"Uma forma tão anciã como ela" (**moela**). Rui Barbosa.
"Amor cego (**morcego**) do Império." Rui Barbosa.

Se apeie, dona. NOTA: Expressão muito usada pelos matutos de épocas passadas, citada por Leonardo Mota, em **Sertão Alegre.**

Por cada (**porcada**) saca, Cr$ 600,00.
Controlado por radar (**porra**).
Vá pôr ração (**porração**) para o gado.
"Por pura (**purpura**) vocação."
Ipu tinha (**putinha**) boa população.
A dor a garra pousa (**raposa**), adunca e forte.
Essa cana (**sacana**) é doce.
Essa caneta (**sacaneta**) é do Nílson.
Essa fada (**safada**) ficou na História.
Eu só confio (**soco um fio**) em você.
Só que (**soque**) esta questão no Juiz vai demorar muito.
Nosso hino (**suíno**) tem boa letra.
Meus olhos por ti são (**tição**) vidrados.
Meu coração por ti gela (**tigela**).

Com a evolução da linguagem, a gramática vai-a (**vaia**) seguindo.

Esta é a via dela (**viadela**).
Você viu o Lino (**violino**)?

Em algumas frases, não grafei expressamente os cacófatos, Fi-lo de propósito, em homenagem à delicadeza dos olhos, a fim de não captarem facilmente a imagem desagradável proveniente do encontro de sílabas.

Para não ferir os suscetíveis, deixo de citar outros cacófatos, os resultantes destas palavras ou grupo de palavras: I) elenco, Cooper, no cume, mascar, Rodolfo, que diabo, é o Turbay; II) dele, feito, arde, alho, Dias, você tinha, tola. Ocorrerá tal vício se uma palavra do segundo grupo for escrita em seguida a outra do primeiro grupo. Ambas deverão ter a mesma posição quanto ao número de ordem.

O leitor não terá dificuldade em fazer a combinação dos vocábulos para obter os respectivos cacófatos.

Este trabalho de pesquisa, observe-se, tem por fim apenas o desejo de ser evitada, pelos escritores, a incidência inconsciente em vício aneufônico. É mero grito de alerta, para mim e para os outros.

Vale recordar curioso soneto cacofônico de Eurico Olímpio, assim transcrito pelo prof. Abdias Lima, em RINDO, APRENDA O NOSSO IDIOMA, página 82:

"**Amar ela** tem sido a minha vida,
E eu sigo a **vaga linha** de outro norte,
Nalma minha, coitada, entristecida,
A dor a **garra pousa**, adunca e forte,

Sem consolo nem **fé deu-me** a querida
Desprezo que só quer torcer-me a sorte,
Essa fada cruel e tão fingida
Cá só veio arrastar-me para a morte.

Eis aí do passado a **triste tela**
Se tive pretensões **acerca dela**,
Já não posso sonhar com nada mais.

Desprezos **me já dão**, ó dor amara!
A Natureza foi comigo avara,
E eu vivo, neste mundo **dando ais**!..."

Aí estão, bem audíveis, os cacófatos de um poeta doente de paixão.

Guimarães Passos estava enfermo. Visando a obter numerário para curar-se, publicou "**Tratado de Versificação**". O talentoso Emílio de Meneses, sem dar bolas ao cacófato, disse com simulação:

— Coitado do Guima! Desde que o conheço, ele só tem tratado de **ver se fica são...**

Doutra feita, alguém lhe perguntou se sabia quais eram os encantos da mulher. Ele respondeu cacofatando:

— **Sei-os**, minha senhora.

Noutro ensejo, visitava uma "Exposição de Cereais". Um comerciante, querendo fazer gracinha, olha para Emílio e saca:

É milho!

Vendo o trocadilhista que o negociante ia embora, Meneses embarga-lhe a saida e ordena:

— Não s'evada. Com isso é qu in...trigo!

Depois, colocou as mãos no ombro do atacante e, rindo afirmou:

— **Sentei-o...**

Os erros dos mestres deram-me coragem de escrever para o público. É injusto permitir somente aos escritores de gênio

ou famosos o direito de cometer os chamados erros "admiráveis".

Não temo a crítica, seja dos portadores de boa fé, seja dos banhados pela inveja. Quanto aos primeiros, abraço-os com jubilo, retifico o desacerto existente e agradeço a correção. No tocante aos segundos, esqueço-os, após ler os reparos não justos e sem respaldo, pois os considero frutos de complexos.

Como tive oportunidade de dizer de início, todos erram. Não faz muito tempo, li o **Prefácio** de uma gramática. O autor, filólogo sulista, escreve trechos como estes, de evidente má redação e sem riqueza de vocabulário.

"Toda **a** teoria aqui exposta tem como fonte as **principais** autoridades **nacionais**..."

"**Até certo** ponto, nota-se **até** uma **certa** aversão..."

"**E mais**: as conseqüências vão **mais** longe..."

Embora não haja receita para não errar, algumas regras existem capazes de reduzir o número de erros. Dentre elas, trago à colação dos interessados as seguintes:

1. Escrever sem pensar nas normas gramaticais. Isto elimina a inibição e, de conseguinte, contribui para maior fluência das idéias.

2. Corrigir o texto somente no outro dia ou horas depois, quando a mente estará livre dos óbices surgidos na ocasião da feitura do trabalho.

3. Proceder às corrigendas como se o trabalho fosse de outrem, pois a heteroanálise é mais fácil; a auto-análise, mais difícil.

4. Fazer pelo menos duas leituras do texto, a primeira em voz alta para evitar os vícios de linguagem, tais como:

a) Cacófato — já anteriormente definido e exemplificado.

b) Colisão — choque de sílabas iguais: "Aqui, você não **acha chá** mate."

c) Eco — sucessão de palavras rimadas: "A nomeação do Capitão para a função de Fiscal deve ser publicada antes do dia da sesssão."

d) Hiato interverbal — encontro áspero de vogais abertas: "Ele quer beber **água**, mas não **a há**."

e) Aliteração — repetição de consoantes idênticas: "O **Papa Pio XII pediu** fosse **poupada** a vida dos reféns."

f) Parequema — vício consistente na colocação de uma palavra que comece pela mesma sílaba com que a anterior acaba: mesma maneira, mesmo modo, no número.

Muitas vezes, o ouvido supre a deficiência dos olhos.

5. Mostrar o trabalho a um amigo competente e sincero, capaz de ter a coragem de indicar os erros encontrados.

Nesta regra, vale lembrar um fato. Enviando suas poesias a um amigo íntimo, um poeta solicitava: "Peço leias os meus versos como se não fossem meus. Examina-os primeiro com olhos interessados, como se fossem do teu filho, e corrige-os. Examina-os depois com olhos severos, como se fossem do teu maior inimigo, e torna a corrigi-los."

Plínio, o Moço, confessava a Célere: "Primeiro, corrijo comigo mesmo o meu escrito; depois, leio-o a dois ou três íntimos; em seguida, entrego o manuscrito a outros a fim de o anotarem; e as observações deles, se me não quadram à primeira, consulto-as com um ou outro. Por fim, leio em público e, podes crer-me, então me corrijo deveras, porque me aplico cheio de atenção a observar os assistentes.

Peço-te me ensines como hei de usar de maior severidade para comigo; nunca a tenho por demasiada. Penso sempre no quanto é melindroso entregar um livro à publicidade; e não posso crer não convenha a revisão com alguns, e muitos, de obra para agradar a todos, e para sempre, como desejamos."

6. Evitar palavras de mais de quatro sílabas, para tornar o texto facilmente entendível e de leitura mais rápida.

7. Não fazer muitas citações, pois assim procedendo o autor obterá texto realmente fruto das suas idéias.

8. Usar sinônimos e pronomes, a fim de não repetir palavras.

9. Suspender o trabalho quando as idéias estiverem escassas.

10. Construir frases curtas, visando à clareza do assunto.

11. Não empregar vocábulos pouco conhecidos, senão algumas vezes, como ornamento da linguagem.

12. Estar inteiramente na posse do assunto sobre o qual discorre.

13. Quando as regras gramaticais afearem a frase, dar-lhe o torneio adequado com outras palavras ou disposição diferente.

"Os vocábulos existem, em primeiro lugar, para exprimir as nossas necessidades; a teoria gramatical vem depois. A gramática não produz a linguagem. Evoluindo esta, a gramática segue-a docilmente" (Fielding, em W. James **L'Experience Religieuse**, pág. 368, edição de 1931).

Bom o conselho dado por Cruz Malpique: "Se o escritor conseguir dizer a verdade com gramática, o caso equivale a ouro sobre azul. Mas, se, no escritor, o homem houver de perder-se, por excessivos pruridos gramaticais, então perca-se a gramática, e salve-se o homem". (**Arte de Escrever**, pág. 49).

14. Apoiar-se nos melhores mestres, não mais de três, para não cansar o leitor.

15. Evitar o excesso dos possessivos "meu", "minha", "seu", "sua", "nosso", "nossa"; dos artigos "um" e "uma"; e do termo "que".

16. Usar o pronome relativo "que" próximo do vocábulo pertinente, para aclarar bem o pensamento.

17. Estudar o vernáculo, pelo menos uma hora por dia.

18. Conviver com os grandes autores, Rui, Mário Barreto, Gonçalves Dias, Heráclito Graça, Carneiro Ribeiro, Machado de Assis, Coelho Neto, Tobias Barreto, Euclides da Cunha, Manuel Bernardes e outros.

19. Ler com freqüência o **Pequeno Vocabulário da Língua Portuguesa**, guardando tanto quanto possível as suas regras.

20. Simplificar as coisas complicadas e não complicar as simples.

21. Munir-se de cultura, em mais de um segmento do saber.

22. Para não incidir em cacófato, inverter a ordem dos termos ou substituí-los por equivalentes. Exemplos: Nem **fé deu** (Nem deu fé). A vida **nunca pára** (A vida jamais pára).